



1 NOV 2013

Dia da Universidade

Título

**Dia da Universidade de Évora**

Edição

**Universidade de Évora**

Design e Fotografia

**Cristina Brázio, Fundação Luis de Molina**

Depósito Legal

ISBN

# Índice

Intervenção do Magnífico Reitor da Universidade de Évora | 5  
Carlos Alberto dos Santos Braumann

Intervenção do Presidente da Associação Académica da Universidade de Évora | 19  
Dr. Paulo Figueira

Intervenção do funcionário não docente | 25  
Dr. Paulo Ramos

Lição Inaugural | 29  
Professor Doutor José Alberto Gomes Machado

Índice



# Discurso do Magnífico Reitor

## Carlos Braumann

Muito agradeço a presença de todos os membros da nossa comunidade académica e dos ilustres convidados, que assim sinalizam o espírito de cooperação institucional com que nos distinguem e cuja presença amiga muito nos honra.

A data de 1 de novembro simboliza o ato inaugural de 1559 da fundação da Universidade de Évora pelo Cardeal D. Henrique. Neste ano, juntamos a celebração dos 40 anos da restauração da Universidade. Ela iniciou-se com a conferência "1973-2013: 40 anos de vida universitária", realizada em 29 de maio, em Évora, na qual concelebrámos, com as nossas irmãs gémeas, o ato natal decorrente do Decreto-Lei nº 401/73, de Veiga Simão, prossegue com o Dia da Universidade, que nos reúne aqui hoje, e terminará, em janeiro próximo, com a comemoração da tomada de posse da primeira Comissão Instaladora.

Desde a restauração a partir do zero material, mas alicerçada na herança histórica da Universidade quinhentista e na determinação de Évora e do Alentejo em voltar a ter a sua Universidade, passámos por muitas vicissitudes, dores de crescimento e alegrias pelos sucessos que fomos alcançando. Tive o privilégio de, quase desde o princípio, ser um dos muitos coautores da construção da nova Universidade de Évora e é, certamente, com particular orgulho que hoje concelebramos juntos uma Universidade que se vem afirmando, pela qualidade do seu ensino e investigação e assumindo um compromisso firme para com o desenvolvimento económico, social e cultural da região e do país, num quadro de universalidade e abertura ao mundo.

Permitam-me que os convide para outros eventos comemorativos que hoje vão ter lugar.

Para além do concerto pela nossa Orquestra, ao fim da tarde, vai ser inaugurada, esta tarde na Biblioteca Geral, a exposição "Instituto Universitário de Évora 1973/79", sobre os primórdios da Universidade de Évora restaurada, que então tinha aquela designação.

Na sala 131 e sala anexa vai ser feita a apresentação do Portal de Emprego e do novo logótipo, da autoria de um grupo com professores e alunos de Design e recentemente aprovado pelo Senado, que se pretende mais moderno e adequado ao nosso público alvo, sem questionar o símbolo da Universidade, que se mantém.

Num momento de crise em que o desemprego jovem é um flagelo, mas em que as empresas mais necessidade têm de apostar na inovação e se reforçar com quadros qualificados, pomos hoje à disposição dos alunos, antigos alunos, empresas e instituições o Portal do Emprego da Universidade de Évora. Ele foi desenvolvido em parceria com a *Universia* e é parte integrante da rede Trabalhando, a maior rede de sites de emprego no espaço ibero-americano. Mas é um portal diferenciado com imagem gráfica própria e que

disponibiliza também ofertas de emprego exclusivas que nos chegam para divulgação aos nossos alunos, além de ter canais de divulgação ao nível da mobilidade internacional, bolsas de investigação e emprego científico.

Caros docentes, funcionários e estudantes

Ilustres convidados,

Sendo este o último 1º de novembro do atual mandato reitoral, passados cerca de três anos e meio sobre a minha tomada de posse, certamente me perdoarão que fuja um pouco à norma de relatar os principais acontecimentos do ano letivo transato. Em vez disso, irei apresentar um breve balanço do que coletivamente conseguimos, como instituição durante o quadriénio, no prosseguimento da visão da Universidade que partilhamos e da **mudança** que vos propus para a concretizar.

A visão é simples mas ambiciosa.

Queremos ser uma Universidade de investigação, com um ensino de todos níveis nela alicerçado e pautado pela qualidade e pela exigência.

Queremos ser pilar fundamental e cúmplice do desenvolvimento económico, social e cultural da região e do país num quadro de universalidade e abertura ao mundo.

Queremos ser uma instituição de referência, orientada para a satisfação das necessidades de uma sociedade em mudança, ocupando um lugar de destaque nacional e internacional, capaz de atrair estudantes, docentes e investigadores de elevada qualidade em áreas de excelência.

Trilhámos o caminho certo e em boa parte já somos o que queremos ser, mas há ainda um difícil caminho a trilhar para o sermos em plenitude. Referi na minha tomada de posse a necessidade de, num quadro de forte condicionamento orçamental e de enorme incerteza, responder aos seguintes desafios:

- . Melhorar a qualidade dos serviços prestados, a eficiência organizacional e a produtividade global da instituição;
- . Garantir a sustentabilidade financeira;
- . Afirmar a Universidade nas múltiplas vertentes da sua missão.

De facto, quando iniciei o mandato, tínhamos ensinos de qualidade, que continuámos a melhorar, mas a eficiência da instituição era extremamente baixa e, no caso da eficiência formativa medida pelo número de diplomados por docente, estávamos na cauda do pelotão.

Hoje, a situação é muito diferente, mercê de uma política de gestão orientada para os resultados, melhorámos substancialmente a eficiência formativa (atingindo mesmo os primeiros lugares do pelotão na formação de mestres e doutores), melhorámos a capacidade de realização de projetos nacionais e internacionais e, fruto das medidas adotadas, assumimos a liderança nacional na taxa de crescimento da produção científica, o que nos permitiu estar já próximos do número médio nacional de artigos por docente publicados, em revistas internacionais de referência.

Podia apresentar o extenso elenco das principais medidas, realizações e acontecimentos relevantes que decorreram neste período. Iríamos certamente almoçar muito tarde. Sem prejuízo de dar alguns exemplos, prefiro antes olhar para o que somos e para o que ainda não somos, mas seremos. Olhar para o salto qualitativo extraordinário que a Universidade de Évora deu, graças ao trabalho coletivo de todos nós na prossecução dos objetivos estratégicos que traçámos e às políticas que adotámos para os alcançar, não obstante a conjuntura extremamente difícil em que temos vivido.

É um olhar que não busca vangloriar-nos, por muito boas razões que tenhamos para tal, mas antes demonstrar que, com os recursos humanos altamente qualificados de que dispomos e o capital organizativo que construímos, temos uma enorme capacidade de que já demos provas, e, portanto, temos o dever de fazer o muito que sempre faltará. A conjuntura continuará difícil mas, para além das condições internas e da nossa força anímica inquebrantável, vislumbram-se, apesar das ameaças, oportunidades externas de que saberemos tirar partido.

**Chega pois de derrotismos**, que ainda persistem nalgumas franjas menos informadas da comunidade académica.

A Universidade de Évora integra hoje uma comunidade convergente e mobilizada, em torno de uma ideia de Universidade, que é partilhada com o seu Reitor, convergência que permitiu, durante este mandato, reforçar a coesão interna e a autonomia das Unidades Orgânicas.

Acredito que muitos defendam modelos alternativos baseados no centralismo e no dirigismo, assentes na exclusão dos setores com menor capacidade atrativa, quando afinal a resolução dos problemas sociais que hoje se nos põem com grande acuidade, exige uma abordagem interdisciplinar, com o concurso de diferentes disciplinas de Ciências, Tecnologias, Humanidades e Artes.

Não foi essa a opção desta Reitoria. A ideia central foi a valorização dos nossos recursos mais valiosos, os docentes, funcionários e estudantes, o incentivo ao trabalho de equipa, à reorganização dos serviços e da utilização das competências, desenvolvendo mecanismos adequados para a libertação da capacidade criativa.

Também foi assumido, como prioridade, a continuidade do trabalho das reitorias anteriores, como, por exemplo, sucedeu no Sistema Interno de Garantia de Qualidade. Não fizemos um Sistema de raiz, antes construímos sobre o que estava já feito, que alargámos e melhorámos substancialmente e, com isso, chegámos muito mais longe e alcançámos um sucesso extraordinário. Partilhamos todos a alegria e o orgulho de ser uma das duas únicas Universidades portuguesas que têm o seu Sistema Interno de Garantia de Qualidade, certificado pela A3ES.

Para alcançar os nossos objetivos estratégicos, falei-vos, há exatamente dois anos, nesta mesma sala, na **mudança** que estava em curso e que, em boa parte, já concretizámos.

## **Mudança para uma cultura de avaliação e qualidade**

O Sistema Interno de Garantia de Qualidade, pelo seu largo espectro e grande qualidade, é um instrumento poderoso para a contínua melhoria que temos conseguido da qualidade das nossas atividades.

A qualidade dos ensinos melhorou consistentemente, com um crescimento constante dos índices de satisfação revelados pelos inquéritos regulares aos estudantes e aos diplomados. Esses índices atingem níveis médios altíssimos, no que se refere aos docentes e às unidades curriculares, mas, ainda que bons, ficam mais abaixo no que se refere à avaliação global dos cursos, pelo que estamos a aplicar, aos cursos menos pontuados, os planos de melhoria previstos no Sistema.

O sistema de avaliação de desempenho dos docentes que estava a ser desenhado para a Universidade de Évora, com a criação de perfis *a priori* e baixos níveis de exigência em termos de investigação, área que era essencial reforçar, não nos iria ajudar.

Mudámo-lo radicalmente, corrigindo aqueles aspetos e beneficiando da ampla discussão pública que precedeu a sua aprovação nos órgãos próprios. Houve uma grande desconfiança inicial, mas o Sistema é hoje considerado por muitos, incluindo alguns dos mais críticos, como o melhor sistema nacional, o que não impede que tenhamos, recentemente iniciado um processo participado de aperfeiçoamentos e ajustes nas prioridades a privilegiar na sua aplicação no próximo triénio.

Também o regulamento dos concursos das carreiras docentes constituiu um dos projetos da maior relevância do atual mandato, pela transparência que trouxe à vida académica e pela imagem de fiabilidade e confiança que projetou para o exterior.

A adesão ao U-maps e ao U-multiranks insere-se também na política de qualidade e transparência.

Temos a satisfação de estar a cumprir com sucesso, quase total, o processo de acreditação regular pela A3ES dos nossos cursos, que, nalguns casos, tinham fragilidades que levaram à reestruturação da oferta, incluindo a retirada da oferta insustentável, ou que foram ultrapassadas graças às medidas, por nós tomadas, de melhoria da produção científica, de racionalização curricular ou de reforço do corpo docente, em áreas específicas.

Mas não vamos parar por aqui em termos de qualidade e avaliação. Com o projeto SAMA, que recentemente ganhámos, vamos proceder à certificação ISO dos Serviços, que nos permitirá um salto substantivo na qualidade do seu funcionamento. Com o SAMA, vamos também melhorar o nosso já bom e cobiçado sistema de informação SIIUE.

## **Mudança na centralidade da investigação**

A visão implica a mudança na centralidade da investigação, a qual passou a ser assumida como fator decisivo

na diferenciação do ensino e na procura de novas formas de interação com o exterior. Neste domínio, houve a preocupação de aprofundar a articulação entre o ensino e a investigação e a transferência de conhecimentos nos três ciclos de formação, e a aferição baseada em padrões internacionais.

De facto, quando iniciei o meu mandato, não obstante os resultados da investigação e produção científica se irem gradualmente consolidando, estava aí a nossa principal debilidade, registando-se um grande atraso em relação aos valores de referência e uma grande assimetria entre áreas científicas. Isso punha em risco a acreditação de muitos cursos, particularmente de programas de doutoramento, bem como a avaliação de centros de investigação, vitais para a Universidade e a sua afirmação nacional e internacional.

Daí que se tenha definido como um dos principais objetivos estratégicos, a melhoria substancial da produção científica, beneficiando da qualidade dos nossos docentes/investigadores e da existência do IIFA. Mas não basta definir objetivos, é preciso desenhar políticas que os permitam atingir. Para tal, para além da melhoria dos serviços de apoio, com mobilização das iniciativas e candidaturas a projetos nacionais e internacionais, utilizou-se um poderoso instrumento, a avaliação de desempenho dos docentes.

Obtivemos resultados espetaculares, com aumentos significativos (particularmente num contexto de retração económica do País) do financiamento dos projetos nacionais e internacionais e a clara liderança na taxa de progressão da produção científica referenciada internacionalmente. No último ano foi de 18% na produção por docente, referenciada na base ISI e 23% na base Scopus, base em que nos últimos 3 anos subimos cerca de 60%. E tornamos visível a nossa produção no Repositório Digital de Publicações Científicas, onde temos a terceira posição nacional, em termos do número de publicações por docente lá colocadas, claramente à frente de todas as universidades de Lisboa.

Só em 2011 e 2012, os nossos docentes produziram 142 livros (29 como editores), 831 artigos em revistas científicas, 1226 capítulos de livros e artigos em Atas de reuniões científicas, 175 criações artísticas ou culturais, receberam 95 prémios e distinções de mérito científico ou artístico, apresentaram 1091 palestras ou comunicações em reuniões científicas, desempenharam 348 cargos em órgãos de sociedades científicas (sendo 42 como presidentes) e tiveram 1140 participações em projetos científicos (dos quais 394 de cooperação internacional).

Estamos a vencer a aposta estratégica na investigação e produção científica, sem o que teríamos deslizado para uma Universidade de ensino (*teaching college*). Hoje podemos orgulhar-nos de ser uma Universidade plena, virada para o futuro, com três ciclos de ensino suportados na investigação e na transferência de conhecimento.

Mas há que manter o ritmo de crescimento e não retroceder na determinação. Com a cultura que foi instalada e o apoio de fundos nacionais e comunitários (como, por exemplo, no programa Horizonte 2020), temos boas razões para crer que podemos em 2020 superar a média nacional e alcançar posições cimeiras do *ranking* nacional da produção científica, nalgumas áreas de excelência, entre as quais áreas âncora do desenvolvimento, envolvendo o concurso de várias áreas científicas, estabelecendo alianças entre ensino, investigação e transferência de conhecimento, tirando partido das competências instaladas e das parcerias nacionais e internacionais.

### **Mudança para reforçar o nosso compromisso para com o País e a Região no apoio ao desenvolvimento em colaboração com as suas forças vivas**

A Universidade de Évora tem por, natureza, vocação universal e dimensão internacional mas tem também um firme e crescente compromisso para com o desenvolvimento socioeconómico e cultural do Alentejo e do País, que aquela vocação permite servir melhor. A sua cumplicidade com as instituições e o tecido produtivo, que na região servem os mesmos objetivos de desenvolvimento, faz já parte do nosso ADN e, nestes anos, fomos muito mais pró-ativos.

Em resultado, a cooperação com a sociedade é agora muito extensa e tem envolvido a execução de centenas de contratos e protocolos com instituições e empresas, algumas delas de grande relevância, como é o exemplo, o Protocolo recentemente assinado com a Embraer. As receitas, porém, fruto também da debilidade do tecido produtivo regional, são ainda modestas, se bem que tenham crescido cerca de 40% nos três últimos anos.

Após difícil batalha, em que contámos sempre com o apoio da CCDRA, estão em plena execução o Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo, já com 14 empresas (instaladas provisoriamente, porque o edifício ainda está em construção) e a primeira fase do Sistema Regional de Transferência de Tecnologia, beneficiando das infraestruturas científico-tecnológicas e programas integrados de investigação e desenvolvimento tecnológico, que obtiveram elevados cofinanciamentos do programa INALENTEJO. A segunda fase está prevista no Plano de Ação Regional Alentejo 2020, no âmbito do Sistema Regional de Inovação.

Precisamos de reforçar os incentivos internos para a participação dos docentes e, conforme previsto no Plano de Ação Regional Alentejo 2020, criar mecanismos de *interface* sólidos para uma íntima cooperação com o setor produtivo e com os programas de financiamento, como Horizonte 2020, e do novo quadro comunitário Europa 2020.

Justifica-se pois o nosso otimismo.

### **Mudança ao centrar a atividade nos nossos estudantes, razão de ser da existência da Universidade e embaixadores para a melhoria da nossa atratividade.**

No início deste mandato, para além de muitas Comissões de Curso não terem representantes dos estudantes, o Conselho de Avaliação apenas existia nos papel e a taxa de resposta dos estudantes aos inquéritos de opinião dificilmente chegavam aos 10%.

A realidade hoje é bastante diferente e os nossos estudantes são atualmente uma força viva da comunidade académica, com forte participação nos inquéritos de opinião, fazem parte das comissões de curso, do Conselho de Avaliação e participam de forma bastante ativa nos Conselhos Pedagógicos.

Neste domínio, é importante destacar o muito bom e profícuo relacionamento com a Associação Académica da Universidade de Évora e com os diferentes núcleos de estudantes, que têm permitido a identificação e resolução de muitos problemas e a concretização de muitos projetos de natureza pedagógica, cultural, desportiva e de solidariedade, num quadro de respeito pela autonomia e identidade, que sempre foi preservado.

Um exemplo é o do novo impulso dado ao desporto, em parceria com a Associação Académica, de que resultaram sucessos muito significativos, na vertente do desporto de competição. Sendo desportista de sofá, foi com particular orgulho que recebi o prémio, com que a Associação me distinguiu na gala do desporto.

Promovemos a qualidade do ensino, desenvolvemos medidas (tutorias, novos *bridging courses*), para a promoção do sucesso educativo e desenvolvemos ações de divulgação para os mais jovens.

Promovemos a abertura a novos públicos, desde estudantes estrangeiros, cujo apoio foi melhorado, melhorámos o apoio aos estudantes estrangeiros e aos estudantes com necessidades educativas especiais.

Temos vindo a desenvolver um programa regular de reequipamento de salas de aula e laboratórios e de recuperação das residências degradadas. Está a ser instalada uma rede *wireless* nas residências e vamos instituir um sistema complementar de informação aos estudantes, via telemóvel.

Numa altura em que a crise económica se instalou, resolvemos este ano não proceder à atualização pela taxa de inflação prevista na lei das propinas, pelo que, ao contrário do que sempre sucedeu no passado, não estamos a praticar a propina máxima. Instituímos, contando também com algum apoio mecenático, o Fundo de Apoio Social aos estudantes, de forma a colmatar insuficiências do sistema de bolsas do Estado e evitar que estudantes com razoável sucesso escolar tenham de abandonar o ensino superior.

Criámos, no âmbito da Pró-Reitoria para as Relações com a Comunidade, o Gabinete de Integração Profissional e Antigos Alunos, lançámos hoje o Portal do Emprego, o que complementa as ações que se vêm realizando, como a promoção do empreendedorismo, protocolos com empresas e instituições, para a realização de estágios com centenas de estudantes a frequentá-los por ano e contactos regulares com empresas. Brevemente vão surgir iniciativas destinadas a manter uma convivência regular entre a Universidade e os seus *Alumni*.

Estas são medidas que, juntamente com a qualidade que oferecemos, a reorganização da oferta formativa a que temos vindo a proceder e que devemos prosseguir, e as medidas de atração de estudantes e empresas e de internacionalização previstas no Plano de Ação Regional Alentejo 2020, certamente ajudarão a melhorar a nossa atratividade e a empregabilidade dos nossos diplomados.

A atração de novos públicos passou pelo desenvolvimento do ensino à distância, que queremos alargar e consolidar, e pelo incremento com uma crescente aproximação às necessidades da sociedade, da formação ao longo da vida, cuja organização passou agora para a alçada das Escolas.

## **Mudança na internacionalização**

Na mobilidade internacional clássica, quer *in* quer *out*, demos um salto enorme e a nossa qualidade é hoje reconhecida, sendo por isso líderes de vários desses programas (o diploma de mérito a um docente ou investigador é disso ilustrativo). Só no último ano, ganhámos 2 dos 30 Erasmus *Mundus* atribuídos em toda a Europa (e lideramos um deles) e ganhámos e liderámos um Erasmus *Mundus* Mobilidade com países europeus e asiáticos. Estamos em programas europeus de mobilidade para estágios profissionais pós-licenciatura e para aprendizagem ao longo da vida.

O futuro Estatuto do Estudante Internacional, discutido recentemente na reunião do CRUP realizada há dias na Universidade de Évora, aliado a uma política de lecionação seletiva em língua inglesa e a melhoria da oferta de alojamento, deverá trazer-nos novos públicos e contribuir para uma maior eficiência e aumento da receita. Isso não deve impedir-nos de continuar o trabalho que temos desenvolvido de colaboração com países da CPLP, que não se enquadrarão naquele Estatuto.

E no que respeita à internacionalização, também na investigação fizemos progressos verdadeiramente extraordinários, com 19 projetos europeus do 7º programa Quadro (sobretudo, mas não só, nas áreas da biotecnologia, ambiente, agricultura e energias renováveis), e outros financiados por outras fontes, graças, obviamente, à qualidade dos nossos docentes/investigadores, mas também aos serviços (Serviços de Ciência e Cooperação e Serviços Administrativos), que apoiam os projetos e contratos de âmbito nacional e internacional. Esses apoios ganharão em ser reforçados, mas isso não é razão para serem tão injustamente criticados cá dentro (quase sempre pela minoria de investigadores que raramente se candidatam a projetos), como são invejados pelos investigadores das outras Universidades, que não têm apoios comparáveis.

Como resultado das equipas em que participamos no âmbito da cooperação internacional, atingimos uma taxa de internacionalização notável, nas publicações referenciadas na base ISI, que supera já os 50%.

Ganhámos a Cátedra UNESCO em Património Intangível e Saber-Fazer Tradicional.

## **Mudanças para a melhoria da eficiência e para a sustentabilidade**

Os elementos apresentados tornam evidentes a concretização de uma estratégia no quadriénio que agora finda, em grande parte planeada e em sintonia com a visão apresentada, mas também muito condicionada e por isso reativa, face ao modo desorganizado e imprevisível imprimido por decisões da tutela que nos surpreendem, com sucessivos cortes ao longo dos anos e, em cada ano, sucessivos cortes ao longo do ano.

Basta dizer que, hoje, dia 1 de novembro, as Universidades ainda não sabem qual a dotação do Orçamento de Estado com que podem contar este ano.

Os cortes de 2013 acumulam com os cortes ocorridos em 2012 e em 2011. Só 2010 foi uma pequena exceção, com o Contrato de Confiança a melhorar em cerca de 10% os orçamentos das Universidades, no

nosso caso um pouco mais de 3 milhões de Euros. A contrapartida, que foi negociada por mim com a tutela, era a resolução dos problemas de funcionamento e descontrolo detetados por uma Auditoria de 2008 e o aumento crescente e substancial do número de diplomados. Fui eu que assinei o Contrato de Confiança em nome da Universidade no dia 13 de setembro de 2013, no Funchal. Superámos sempre as metas acordadas mas o Estado não cumpriu a sua parte e nos anos seguintes fez cortes muito superiores.

A estratégia seguida para compensar os sucessivos cortes da dotação orçamental envolveu algumas decisões difíceis de redução da despesa e procura de receitas. Nas receitas destaca-se o aumento da captação de receitas próprias e a melhoria de eficiência do setor de cobranças de propinas em atraso, conseguidas graças ao esforço e dedicação dos nossos docentes e funcionários. Ao nível da redução de despesa destaca-se a decisão de diminuição das despesas de funcionamento (segurança, limpeza, consumíveis, melhoria da eficiência energética, reforço da tecnologia VoiP, etc.) e a redução gradual da dimensão do corpo docente e dos funcionários não-docentes, de forma a aproximar os nossos rácios desproporcionados de pessoal por aluno das médias nacionais. Isso foi conseguido com a colaboração dos colegas e pela reorganização da oferta formativa, que vem sendo prosseguida, bem como pela informatização crescente e ganhos de eficiência dos serviços.

Estas dificuldades foram acrescidas pela necessidade suplementar de superar a situação deficitária que encontrei, de cerca de 8 milhões de Euros de dívidas reconhecidas (havia outras ocultas devido à desorganização existente) e outras penalizações, fruto de graves ineficiências de funcionamento da Universidade e que exigiram doses acrescidas de esforço.

A situação está hoje felizmente ultrapassada, não havendo dívidas a fornecedores. Mas quanto jeito daria e quanto mais não poderíamos ter progredido se pudéssemos ter dispostos da totalidade do orçamento, ainda que muito magro, em vez de termos tido de saldar as dívidas.

Felizmente que o maior sucesso que alcançámos no financiamento de infraestruturas, equipamentos e programas, e projetos de I&D provenientes de várias fontes, de que se destaca o cofinanciamento do Inalentejo, da ordem dos 13 milhões de Euros (se incluirmos o Parque de Ciência e Tecnologia), não resolvendo os problemas do funcionamento corrente, veio permitir o reequipamento científico e o funcionamento de programas de I&D que, de outra forma, não se realizariam.

A ineficiência mais notória verificava-se nos custos com pessoal por diplomado, que eram os mais altos de todo o País, deixando a grande distância o segundo valor mais alto. Apesar da redução de custos com pessoal, as medidas de eficiência que adotámos permitiram ainda assim o aumento de cerca 70% no número de diplomados entre 2009/10 e 2012/13, pelo que o nosso custo com pessoal por diplomado baixou para menos de metade.

Só com estas melhorias de eficiência é que foi possível, apesar dos severos cortes orçamentais que temos sofrido e das regras muito mais estritas (lei dos compromissos e limitação de gastos com pessoal), que agora vigoram, abrir, com algum engenho, 8 concursos de progressão para docentes e mais de três dezenas de vagas para funcionários (algumas com progressão e as restantes para resolver situações de contratos

precários), vitais para o progresso da Universidade, que está muito abaixo dos valores recomendados nas categorias superiores. Outros foram abertos para ingresso na carreira em setores carenciados. Concluídos em breve os concursos a decorrer, podemos abrir nova leva de concursos. O número de concursos abertos está infelizmente longe do que seria desejável mas é substancialmente maior do que os zero concursos abertos para progressão de pessoal docente no anterior quadriênio. Podemos atingir patamares mais elevados se conseguirmos melhorar, ainda mais, a captação de receitas próprias.

### **Mudança na imagem e da presença cultural, artística e desportiva**

A divulgação interna e externa da nossa atividade é extremamente importante para uma afirmação mais clara, transparente e mobilizadora da instituição.

Sem prejuízo do muito que há a fazer, deram-se passos muito significativos que permitiram uma maior visibilidade institucional, através de melhorias no Portal da Universidade, a utilização das redes sociais, o UElive, uma atuação muito mais pró-ativa junto dos meios de comunicação social. A realização de inúmeros eventos culturais, artísticos e desportivos, em diversos locais e com cooperação de diversas entidades, onde a Escola de Artes e a Associação Académica e diversos grupos estudantis têm tido intensa atividade, tem ajudado a projetar o nome da Universidade.

Tudo isto foi possível concretizar devido ao empenhamento de todos os docentes e funcionários a quem foi pedido um esforço adicional em troca de uma remuneração mais baixa. Bem gostaria de poder resolver esta situação tão injusta, para além dos pequenos paliativos que vai sendo possível proporcionar, como o espaço para refeições e os descontos acordados com certas empresas. Esperando por melhores dias, fica-nos a satisfação de saber que a devoção à instituição tem estado acima destes contratempos e que todos têm vestido a camisola.

A situação orçamental das Universidades está sobre ataque cerrado desde 2005 e está a atingir o limiar de sustentabilidade, mesmo para uma gestão eficiente como a que construímos neste quadriênio e uma capacidade de angariar receitas próprias semelhantes às das regiões com tecidos produtivos mais desenvolvidos.

Os compromissos da tutela para o orçamento de 2014 penalizavam já muito as Universidades, mas não estão a ser cumpridos pois ocorreu posteriormente um corte e, recentemente ocorreu novo corte que excede largamente o ajuste das reduções remuneratórias. Será erro de cálculo a corrigir ou corte adicional deliberado? Não conseguimos ainda esclarecer. Na próxima terça-feira, o CRUP será ouvido na Comissão Parlamentar de Educação da Assembleia da República.

Sentimos que as Universidades estão a ser perseguidas, com cortes que não têm paralelo em mais nenhum setor da administração pública.

A rede de ensino superior pode ser reorganizada mas não está superdimensionada, antes pelo contrário, ele é insuficiente para suportar o aumento da percentagem de jovens que seguem para o ensino superior para os níveis dos países desenvolvidos e para satisfazer as enormes necessidades na formação ao longo vida. Por outro lado, as Universidades desempenham um papel fulcral na inovação e no desenvolvimento regional e nacional.

No entanto, e apesar das recomendações do Relatório pedido pelo CRUP à EUA sobre a rede, quer-se fazer mais cortes para 2015 através da reorganização regional da rede que pode ir mais longe do que a articulação da oferta formativa, visando antes a redução da capacidade instalada. É nesse sentido que vai uma recente carta do Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior, que em minha opinião enferma de vários equívocos e de que já lançámos um processo de análise e discussão.

Naturalmente que a reestruturação da rede está agendada há muito e desde o início que tenho dedicado a essa matéria muita atenção. Elaborámos mesmo um documento "Pensar a Rede Universitária no Sul", que enviámos ao Conselho Geral em abril de 2012 e aonde analisávamos as várias possibilidades de parcerias mais abrangentes e de articulação da rede de oferta formativa, referindo os contactos já feitos com potenciais instituições parceiras, que continuaram com regularidade e a necessária discrição criadora de um clima de confiança, com alguns resultados relativamente limitados. Agora há outra pressão.

São frequentes, sim, acordos pontuais para cursos conjuntos ou em cotutela, para cooperação docente ou, como se acentuou agora com o concurso (que ontem fechou) dos centros à avaliação e financiamento pela FCT, para associação em centros de grupos de investigação, aliás com liderança nossa em várias dessas parcerias.

Vivemos tempos difíceis e perigosos, a requerer lideranças conhecedoras da Universidade e da sua envolvente e com a visão para onde deve caminhar a instituição, garantindo a coesão interna e motivando a comunidade académica.

Esta visão está alinhada com a do Plano de Ação Regional Alentejo 2020 onde, através de uma ação pró-ativa e do apoio da CCDRA, a Universidade conseguiu ver incluídas medidas que permitirão carrear os recursos necessários para concretizar a aposta no crescimento, baseada no aumento da atratividade da Universidade, na internacionalização e no investimento, em áreas âncora, na investigação e desenvolvimento e na extensão, demonstração e formação de todos os níveis. Isso traz-nos especiais responsabilidades mas também excelentes perspetivas de desempenhar um papel fulcral no desenvolvimento da região e vencer os principais desafios que enfrentamos. Dentro destes destaca-se o aumento da empregabilidade dos nossos diplomados, pela promoção do empreendedorismo, o aumento da capacidade de captação de receita, pela dinamização do PCTA e das atividades de transferência de conhecimento e pela melhoria significativa das infraestruturas de forma a proporcionar melhores condições para o desenvolvimento das atividades académicas, o que implicará a requalificação e alargamento dos edifícios, laboratórios e equipamentos sociais.

A definição e gestão dos Programas Operacionais pode, se for centralizada, canalizar os fundos comunitários para os grandes centros.

Por essa razão, eu e os meus colegas reitores da Universidade da Beira Interior e da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro constituímos uma parceria estratégica para o desenvolvimento harmonioso do País, que está a desenvolver várias ações junto do poder político e da opinião pública para a adoção de políticas de repovoamento do interior com quadros qualificados. Para tal, é necessário atrair estudantes para as Universidades do interior e promover a articulação entre essas Universidades e o tecido produtivo de forma a potenciar a inovação, o desenvolvimento empresarial, a empregabilidade e o empreendedorismo.

Os desafios são grandes e os riscos elevados, num contexto como o de hoje de grandes dificuldades, que se caracteriza pela desresponsabilização do Estado com as Universidades, pelo desemprego dos diplomados, pela redução do rendimento das famílias que suportam os nossos estudantes.

Mas, como vimos, o quadro comunitário, nacional e regional tem inscrita a nossa estratégia e reconhece o nosso papel no desenvolvimento, bem como as decorrentes necessidades e mecanismos para as satisfazer. Há assim excelentes oportunidades para assegurar a atratividade e o progresso da instituição.

Para tal dispomos do mais importante, recursos humanos altamente qualificados em áreas pertinentes, que podem ser valorizados e complementados através de parcerias e projetos. Por outro lado, e sabendo que ainda temos um longo caminho a percorrer, criámos as condições e a cultura de exigência requeridas para um trabalho de qualidade, construímos uma cultura de produtividade científica que nos permitiu atingir níveis consideráveis, temos serviços e funcionários extremamente competentes e estamos a melhorar a nossa estrutura organizacional, atingimos níveis de eficiência assinaláveis. Construímos uma imagem, assente em sistemas certificados, de qualidade e de rigor.

Estamos numa encruzilhada.

Claro que podemos voltar às políticas que nos conduziram às ineficiências gritantes que vigoravam quatro anos atrás, a caminho de uma Universidade amputada, uma mera "*teaching University*", em constantes dificuldades.

Temos, porém, todas as condições para, com o nosso empenho e o nosso esforço, prosseguir na senda das reformas que nos têm conduzido ao trilho certo do progresso para uma Universidade plena, de relevância fulcral para o desenvolvimento da região e do País, merecedora da reputação e respeito que hoje já granjeámos na comunidade académica e na sociedade. Para isso, continuo disponível como sempre estive para servir a nossa Universidade e, se assim o quiserem, podem contar comigo.

Mas tudo o que ambicionamos só será possível e os desafios só serão ultrapassados com a mobilização da comunidade académica que ao longo dos últimos anos deu todo o apoio e emprestou a energia necessária para a concretização da mudança e a realização da visão institucional que partilhamos.

A todos, da equipa reitoral aos dirigentes dos órgãos e estruturas, aos docentes, estudantes e funcionários: bem hajam pelo vosso constante apoio e pela generosa contribuição que deram à nossa Universidade de Évora, que tenho a honra e o privilégio de servir.

Muito obrigado  
Carlos Braumann



# Discurso do PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA PAULO FIGUEIRA

António e Maria são dois nomes bem vulgares em Portugal. São também os nomes de dois estudantes da Universidade de Évora, que embora a tivessem frequentado na mesma altura, não se chegaram a conhecer. São de áreas distintas. Ela é arquiteta de formação, ele de Sociologia.

Quis o destino que se encontrassem no mesmo avião com destino às suas novas casas, num outro país onde darão início à sua carreira profissional.

Maria sempre o havia sonhado. Desejava ir para fora pois para ela isso significava enriquecer-se pessoal e profissionalmente. Já António dava tudo para ter tido oportunidade no país onde nasceu, Portugal. Contudo uma conjuntura económica desfavorável a isso o obrigou. António não espera voltar tão cedo, embora o desejasse. Não consegue compreender como é que o mesmo país que investiu milhares na sua educação e que se diz em crise, dá de mão-beijada esse valioso recurso humano ao estrangeiro. Não consegue perceber isso pois os relatórios da OCDE dizem que um dos maiores problemas de Portugal e da sua competitividade é a baixa formação dos trabalhadores.

O relatório da Comissão Europeia Education and Training Monitor 2012 diz claramente que gastar dinheiro em formação superior é um bom investimento: no caso dos homens, os benefícios públicos são, em média, três vezes superiores aos custos públicos; e, no caso das mulheres, são, em média, o dobro do custo associado. Usa-se a crise como desculpa, mas esse mesmo relatório refere que apesar da crise e da recessão que se sentia em praticamente todos os países da Europa, em 2009 a maioria dos países europeus encontrava-se em recessão, mas todos eles mantiveram ou aumentaram o investimento em educação. Todos exceto Portugal e a Roménia. Trata-se claramente de uma estratégia política. Uns decidem investir em educação para ultrapassar a crise e as dificuldades. Outros usam a crise como desculpa para não investir em educação. Infelizmente Portugal encontra-se neste último grupo.

Esta mensagem tem que passar para a sociedade. É um péssimo ato de governação não investir no ensino. O ensino tem retorno económico e social.

Querem um exemplo: A Science4you empresa que se dedica à criação de brinquedos científicos para crianças. É neste momento uma empresa exportadora, tendo em 2012 duplicado as vendas em Portugal e Espanha, face a 2011. Porque é que ela teve sucesso? Porque os pais percebem hoje que os seus filhos podem aprender a brincar. Como as gerações são cada vez mais qualificadas, os pais de hoje percebem a importância de investir num brinquedo científico para os seus filhos. Eu acredito nisso!

São estas as vantagens da educação, e não consigo perceber como se desperdiça esta oportunidade. Como não se investe no ensino. Como se permite que estudantes continuem a abandonar as instituições de ensino por razões económico financeiras. É incrível como, neste contexto, temos hoje menos bolseiros que em 2008. De 2008 a 2011 baixámos mais de cinco mil bolseiros! E em 2012 os números voltaram a baixar!

O relatório o Estado da Educação 2012, elaborado pelo Conselho Nacional de Educação, mostra-nos que em 2006 Portugal nada recebia da União europeia para ação social direta, tendo passado a receber no ano seguinte quarenta e cinco milhões de euros para esse fim. Em 2001 esse apoio era já de noventa e sete milhões de euros. O que é que o senso comum nos poderia dizer? Que teríamos hoje uma ação social de sonho que impedia que os estudantes abandonassem o ensino por razões económicas. Infelizmente, isto é pura ilusão pois este aumento de fundos foi acompanhado por um desinvestimento na ação social por parte do Estado. Não garantir o apoio a um estudante e permitir que este abandone os estudos por razões financeiras é violação dos princípios da ação social do Estado, e tem de parar!

O regulamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes do ensino superior foi recentemente alvo de recomendações por parte do Provedor de Justiça, que foram de encontro a muitas das posições que o movimento associativo estudantil tem vindo a tomar. O provedor foi claro ao dizer que só, deve ser tomado como motivo de inelegibilidade para apoio social, a situação tributária ou contributiva não regularizada por dívidas imputáveis ao próprio estudante. Esta tem sido uma enorme luta do movimento estudantil, à qual se junta agora o Provedor de Justiça.

Foi-nos garantido pelo próprio ministro Nuno Crato que este artigo do Regulamento iria ser revogado ainda este Ano Civil. Aguardamos que façam o que prometeram.

Contudo apesar desta ser a questão mais chocante, não é de longe a mais problemática do atual regulamento. A questão mais problemática é, sem sombra de dúvida, a altura em que é feito o corte dos que ficam e não ficam no sistema. É certo que este corte terá de existir sempre, pois caso contrário todos os estudantes estariam no sistema, mas está a acontecer muito cedo. Há estudantes que por poucos euros ficam fora do sistema. E esses estudantes são também carenciados e, isso sim, é o maior problema desse regulamento. O de não conseguir manter no sistema todos aqueles que necessitam.

É urgente uma mudança de política. E esta não pode refletir-se apenas em mandar mais dinheiro para cima das instituições. Temos de pensar além das formas tradicionais para resolver estes problemas!

A ação social escolar, por exemplo, deverá ser reformada. Em cidades onde existem mais que uma Instituição de Ensino Superior deverão passar a existir serviços partilhados. Optimiza recursos e dá melhores resultados.

O próprio pagamento do complemento de alojamento deveria ser pago diretamente à instituição e não ao estudante.

O combate ao abandono escolar deve ser mais ativo. Com o não pagamento da propina a Instituição deverá imediatamente entrar em contacto com o estudante, para perceber se tem ali um possível caso de abandono que possa ainda ser resolvido a tempo.

A própria forma de acesso ao Ensino Superior deve ser repensada. Não deve constar apenas na média do secundário, mas também numa análise curricular. Numa altura em que a sociedade está cada vez mais individualizada, poderia dar nova vida ao associativismo e às atividades extra curriculares. Ganhávamos todos!

O ensino superior enfrenta hoje uma nova ameaça. A ameaça de passar constantemente a mensagem que não vale a pena ingressar no Ensino Superior. Todos os indicadores mostram o contrário: a taxa de desempregados é menor entre os licenciados, e um licenciado continua a ganhar em média mais que uma

pessoa sem formação superior. É por isso urgente fazermos chegar à comunidade civil a mensagem que continua a valer a pena estudar.

Nos planos de estudos, devia ser garantida a possibilidade de o estudante escolher parte das unidades curriculares, que compõem o seu ciclo de estudos, quer dentro da sua área de estudo, quer num leque mais amplo de outras áreas do conhecimento. Isto acontece nalguns casos, mas deveria acontecer em todos!

Os métodos de avaliação devem ser, dentro do possível, flexibilizados, sem que tal signifique menor exigência, mas antes a possibilidade de o estudante escolher a metodologia de avaliação que mais lhe convier.

O próprio acesso às profissões e a sua relação com os ciclos de estudos é hoje uma preocupação estudantil. Quem avalia, quem regula, quem decide sobre o acesso à profissão? A introdução da avaliação e acreditação dos ciclos de estudos pela A3ES veio, de alguma forma, alterar este panorama, pelo que urge esclarecer o papel das ordens e câmaras profissionais. Esta clarificação é necessária junto dos estudantes e da sociedade, sobretudo quando muitas vezes a frequência com sucesso de um curso, devidamente avaliado e acreditado pela A3ES, não dá acesso à profissão desejada. Que estranho país este que cria uma agência para avaliar os cursos e depois exige exames de acesso à profissão!

Não creio que seja assim tão difícil mudar Portugal. Basta haver vontade política!

Minhas Senhoras e meus senhores,

Falemos então da Universidade de Évora. Só posso dizer que assim não vamos lá!

Quando se mudam as regras de acesso às Unidades Curriculares, quando estas estão a acontecer, não vamos lá! Quando por causa destas mesmas regras estudantes são colocados fora das Unidades Curriculares, mesmo já estando a frequentar aulas, não vamos lá! Quando uma aluna não se consegue inscrever-se em mestrado, porque a docente não lhe lançou a nota a tempo, não vamos lá! E o pior foi não se ter conseguido criar uma vaga adicional a tempo para esta aluna, visto a culpa não ter sido dela. Ela esperou, esperou, esperou até que para outra instituição abalou. É óbvio que esta aluna não recomendará a Universidade de Évora a ninguém. Assim não vamos lá! Quando as comissões de horários fazem os horários de forma a melhor se ajustarem à disponibilidade de alguns docentes, e não de forma a serem o mais produtivos possível a nível pedagógico e científico, não vamos lá.

Magnífico Reitor,

Já aqui falei do financiamento. Mas sejamos sinceros. Muitos dos nossos problemas não necessitam de dinheiro para serem resolvidos. Só é necessário assumirmos os nossos erros!

Se a Universidade de Évora aceita a inscrição de estudantes numa unidade curricular, não pode permitir que o docente responsável retire a inscrição aos estudantes quando esta já está a decorrer. Os estudantes não só dispensaram tempo na frequência da mesma que não lhe serviu para nada, como também não se puderam inscrever noutra Unidade. Isto aconteceu no curso de Biologia. Foi depois criado um regulamento de acesso a esta Unidade Curricular que foi recusado em Conselho Pedagógico que fez recomendações de melhoria, mas foi aprovado no Científico sem estas recomendações!

Um docente atrasar-se no lançamento de uma nota, pode acontecer embora deva ser evitado ao máximo, pois o lançamento duma simples nota fora de prazo, pode ser o suficiente para um estudante não conseguir um emprego, ou a entrada no doutoramento dos seus sonhos, por exemplo! Contudo a Universidade de Évora não pode dificultar a vida a estudantes aos quais isto lhes acontece. Principalmente quando o erro não é do estudante!

Os horários deverão ser enviados aos Conselhos Pedagógicos antes do início dos semestres para estes se pronunciarem. Não enviá-los, já com aulas a decorrer, para eles serem apreciados.

Magnifico Reitor,

Espero que muito em breve situações destas sejam coisas do passado. Por vezes basta estas pequenas coisas para alterar por completo a imagem da nossa Universidade. Eu tenho imenso orgulho em fazer parte desta casa, mas magoa-me saber que poderíamos ser bem melhores e não o somos por culpa própria.

Nós temos uma Universidade excelente. Muitos estudantes partem a chorar. É impossível não nos apaixonarmo-nos por Évora e pela sua Universidade. Impossível.

Devemos, por isso, usar todos os esforços para não dificultar a vida aos estudantes, para que este se concentre na sua verdadeira missão. Aprender! Não acredito que seja assim tão difícil.

Magnifico Reitor,

Em 2012, o Conselho Geral aceitou a recomendação do CRUP, aumentando a propina em sensivelmente 37 euros, para Ação Social Escolar. A AAUE manifestou-se contra desde o primeiro instante. Acreditamos que é papel do Estado e não das Instituições garantir a permanência dos Estudantes no sistema.

A Universidade de Évora criou então um Fundo de Apoio Social aos estudantes. O número de estudantes apoiado ficou muito abaixo da dotação orçamental. Defendo, hoje aqui, aquilo que defendi no Senado no passado dia 23. Se a dotação orçamental do fundo excedeu claramente o valor necessário para apoiar estes estudantes e se foi para o fundo que as propinas foram aumentadas, estas devem voltar a baixar.

Magnifico Reitor,

Peço-lhe novamente: Baixe as propinas. Três euros por mês poderia não ser nada, mas hoje em dia são muitos três euros. Três euros na propina, três euros na electricidade, três euros na água, muitos três euros nos combustíveis, etc. Acredite que faz a diferença! E melhor, ao baixar as propinas ajuda todos os estudantes, não apenas os mais carenciados. Em nome de todos os estudantes desta academia insisto para que o faça!

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Évora,

Termino a minha intervenção dirigindo-me a V. Exa. Como sabe está a decorrer, até amanhã, um dos eventos áureos do calendário da AAUE. A recepção ao caloiro. Consiste em concertos musicais com alguns dos melhores artistas nacionais. É óbvio que não agrada a todos devido ao ruído e leva muitas pessoas a manifestarem-se contra estes eventos.

Por favor, não ceda a essas pressões, pois a mesma cidade que quer ter estudantes para lhes alugarem as casas e dinamizar o centro histórico é a mesma que muitas vezes lhes quer tirar o direito a divertirem-se. Não pudemos ter só o bónus, temos também e ter o ónus.

V. Exa., por ser também professor desta casa, sabe bem que os estudantes são mais do que isso. Terça-Feira passada, a AAUE lançou o projeto: Aprender consigo - Padrinho e afilhado, que consiste na criação de um laço relacional mais forte entre um estudante universitário e um idoso de Évora. Aqui procuram-se criar meios para que estudantes e idosos possam criar uma relação mais forte em que convivem, se visitam e partilham experiências, não como modo de voluntariado, mas com genuíno interesse por uma relação humana válida e valiosa, como um padrinho e um afilhado.

Tem já 29 inscritos! Estes estudantes serão muito provavelmente os mesmos, que em dias de festa se divertem. Somos os mesmos! Não somos só aquilo que muitas vezes se diz por aí, por pessoas que só sabem ver um lado da coisa.

Os benefícios que trazemos à cidade são incalculáveis. No desporto, por exemplo, além da AAUE ser o clube em Évora com mais atletas federados e modalidades, conseguimos trazer para Évora, em 2014, os Campeonatos Nacionais Universitários recebendo atletas de todo o país, para disputar onze modalidades individuais.

Os estudantes e a sua Associação tem uma excelente ligação com muitas estruturas da cidade. Com o grupo Diário do Sul, por exemplo, não só vamos conseguir lançar uma rádio, como oferecer, de forma totalmente gratuita, uma assinatura digital a todos os estudantes do jornal.

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Évora,

Conte com os estudantes e com a Associação que os representa para uma Évora melhor. Nós queremos estar em Évora, queremos fazer parte de Évora, mas também queremos sentir que Évora nos quer a nós e às nossas tradições.

Muito obrigado a todos!

Paulo Figueira



# Discurso do Funcionário Não Docente PAULO RAMOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite formulado para participar nas Comemorações do dia da nossa Universidade, e aproveitar para saudar todos os presentes e também os que não podendo estar hoje na cerimónia, contribuem de algum modo, com o seu esforço, trabalho e dedicação, para o prestígio da Universidade de Évora.

A decisão de chamar os funcionários não docentes à participação nas Cerimónias Solenes de Comemoração do dia da Universidade é um sinal mudança. O Dia 1 de Novembro de 2013, marca, em definitivo, o protocolo das próximas cerimónias.

Tratando-se de um facto inédito, esta decisão deve ser entendida como um sinal de perceção efetiva do reconhecimento do papel que os Funcionários Não Docentes prestam à Universidade, bem como do seu envolvimento, dedicação, profissionalismo e responsabilidade na concretização da missão e dos valores da Instituição.

O papel insubstituível que a Universidade, *lacto sensu*, tem no desenvolvimento económico e social da região em que se insere, deve ser reconhecido pela sociedade e ser assumido com a elevada responsabilidade de ser um fator determinante na crescente recuperação económica do próprio país. A conjuntura atual não é, de todo, favorável para o desenvolvimento pleno das competências da Universidade.

Considero que, na conjuntura económica e social como a que vivemos, apenas com o total compromisso e o pleno empenho da capacidade profissional de todos os membros da Comunidade Académica, podem ser dadas respostas positivas aos desafios colocados. Respostas essas, norteadas por princípios éticos e de valores que sustentem uma consciência coletiva e sistémica, que reflitam a importância e o papel de todas as categorias profissionais, na concretização da missão da Universidade.

Se por um lado as determinações legais relativas às políticas de Gestão de Recursos Humanos na Função Pública limitam a atuação das Instituições Públicas, por outro, as medidas de contenção e rigor orçamentais em vigor, abalam a motivação dos Recursos Humanos e comprometem objetivos das Instituições.

Contudo, não posso ficar indiferente perante estas situações, parecendo-me que é responsabilidade de toda a Instituição refletir e definir estratégias para tentar colmatar este estado de espírito que acaba por envolver todos os Recursos Humanos e a sua dinâmica.

A definição de níveis de competência e a identificação da composição dos quadros de pessoal da Instituição são uma necessidade subjacente ao esclarecimento dos planos de atuação e de formação para um desempenho de excelência que respondam às exigências colocadas.

O funcionamento adequado de uma Instituição é garantido com colaboradores motivados e qualificados, que assumam cabalmente as responsabilidades que lhe são atribuídas e com forte sentido de pertença. Para que tal aconteça deve existir igualmente, uma evidente polivalência e flexibilidade, para que se adaptem às constantes mudanças e exigências, cada vez mais intensas e diversas.

Esta polivalência e flexibilidade, a par da eficiência e eficácia, apenas serão garantidas se for facultado um processo educativo e formativo ao longo da sua vida profissional, oferecendo as condições necessárias à aquisição de conhecimento, ferramenta indispensável para que a aposta seja, não apenas na quantidade, mas sobretudo na qualidade do serviço e conseqüentemente da Instituição.

Nesta mesma linha, em minha opinião, a necessidade de adequação das políticas de Gestão de Recursos Humanos implementadas, ajustadas às atuais exigências processuais e administrativas, levariam a práticas mais flexíveis e adequadas às necessidades detetadas e contribuiriam assim, para uma notória melhoria no desempenho e otimização de recursos. Políticas e estratégias sustentáveis que incutam e garantam a motivação, a responsabilidade e o compromisso com o serviço, tendo a noção do valor e da importância dos papéis que cada um desempenha e que são fundamentais para garantir o funcionamento da Instituição.

A aposta na cultura do mérito profissional, sem deixar de considerar as reconhecidas dificuldades resultantes de qualquer sistema ou metodologia de avaliação, neste caso através da aplicação do atual Sistema Integrado de Avaliação de Desempenho (SIADAP), tem obtido resultados que evidenciam uma elevada maturidade e sentido de responsabilidade profissional, na assunção do cumprimento dos objetivos por parte do pessoal não docente, revelando um elevado sentido de missão e compromisso com o serviço.

Magnífico Reitor, Caros convidados, Caros membros da Academia,

Pelo exposto resta-me terminar, reiterando que é baseado neste comprometimento, que em nome dos funcionários integrados nas carreiras de Pessoal Não Docente da Universidade de Évora, manifesto total disponibilidade para a superação das adversidades que se perspetivam e que certamente dificultarão a concretização da missão e valores preconizados pela Instituição, que se pretende que seja uma referência regional, nacional e internacional, nos diferentes domínios da sua intervenção.

Muito obrigado  
Paulo Ramos





# LIÇÃO INAUGURAL PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ALBERTO GOMES MACHADO

## Onde estamos e o que estamos aqui a fazer

É tradição das universidades antigas iniciar o ano lectivo com um discurso doutoral, numa reminiscência medieval retomada e reforçada pelo humanismo. A lição inaugural, ou oração de sapiência, é normalmente voltada para fora. A *Oratio pro Rostris* (André de Resende, 1534) é o exemplo mais famoso. Já então, incluía queixas sobre o estado da universidade. Tinha esse nome porque, na Roma antiga, os discursos solenes eram proferidos do alto de uma tribuna, decorada com espigões das naves de guerra capturadas ao inimigo, chamados *rostri*.

As universidades também vivem de tradição - daí estes trajes quinhentistas que nos ligam à memória do passado; daí este solene festejo cada ano. Pena é que muitos dele se alheiem.

O dia de hoje é uma suspensão no tempo do trabalho quotidiano para celebrar, reflectir, avaliar em comunidade. Os trajes e o lugar remetem para o passado, o ato em si insere-se ativamente no presente e muito do que se disse encerra o duplo aspeto de balanço e perspectiva (sendo este o último 1º de novembro deste mandato reitoral, o que me dá azo a dirigir uma saudação especial ao Magnífico Reitor e à sua equipa, pelo bom trabalho realizado).

Este formalismo situa-se entre o real e o faz de conta (uma lição que não é lição, para ouvintes que não são alunos na sua maioria). Mas os simbolismos também são importantes e contribuem para enraizar as instituições no passado que lhes forjou a natureza, para melhor saberem adaptar-se aos desafios que a atualidade lhes levanta.

Agradeço aos meus colegas do Conselho Científico a confiança que em mim depositaram ao confiar-me esta honrosa tarefa.

Poderia ter optado por um tema de História da Arte.

Dois exemplos do que poderia ter feito: a problemática teórica da terminologia artística excessivamente eurocêntrica e ocidental, que as nações emergentes buscam contrariar com termos próprios de suposto alcance universal- Ex: *fu gu* (regresso ao antigo) ou da *cheng* (Grande Síntese).

Ou o suposto retrato reaparecido de Isabella d'Este e as dúvidas que suscita a sua suposta autoria por Leonardo da Vinci.

Um ou outro seriam de atualidade e exprimiriam, na teorização e num aspeto prático, a vitalidade plural do domínio do saber em que me situo.

Mas escolhi antes falar preferencialmente para quem vem de fora e que aqui está por obrigação ou por cortesia. É uma ocasião importante de dar a conhecer a Universidade à comunidade, que julga conhecê-la, mas que está, muitas vezes, de costas voltadas para ela (culpa decerto das duas partes, falta de aceitação de uns e de integração de outros - hoje, felizmente, já não vai sendo assim e há formas muito importantes de colaboração a todos os níveis). Daí a minha opção de tema/título: "Onde estamos e o que estamos aqui a fazer."

Estamos num espaço patrimonial, numa sala que já foi capela e onde se viveram momentos históricos desta instituição secular. E o que é património? Algo que recebemos do passado, dos Pais (*Patri*) e que nos cabe manter, preservar, aumentar, gerir, valorizar, fruir. Cada geração usa, aumenta e destrói património. Não se pode guardar tudo - importa pois saber o que conservar e o que deixar cair. Em arquitetura, a própria reutilização dos espaços pode ser a garantia da sobrevivência. Este espaço, além de capela e sala de actos solenes, também já foi ginásio. O próprio templo romano, *ex-libris* da cidade, durante muito tempo foi açougue, onde se abatia e esquartejava o gado.

Património é uma noção recente, tem cerca de 100 anos. Para nós, aqui em Évora, é um conceito que se reveste de uma importância fundamental, pois temos a honra e a responsabilidade de sermos Património da Humanidade - não porque o que aqui temos seja igual ao que existe noutras partes, mas por ser específico, original, profundo, um caso notável de qualidade e brilhante harmonia na diversidade. Para sermos o que hoje somos, muito de belo se construiu, muito se harmonizou e adaptou, muito se destruiu também. Era normal no passado deitar abaixo para fazer de novo e melhor, como se acreditava. A capela-mor gótica da Sé foi abaixo para lá se fazer a nova capela-mor barroca; a Câmara Municipal manuelina foi abaixo, já nos começos do sec. XX, para dar lugar à pesada mole do Banco de Portugal, banal e incaracterística.

Também este espaço mudou. Começou por ser capela e daí este formato oblongo, diferente, por exemplo, da Sala de Actos congénere de Coimbra, dita Sala dos Capelos, um rectângulo muito mais amplo. Foi capela durante poucos anos. A exiguidade do espaço e a pressão da cidade levaram à construção da Igreja do Espírito Santo, logo na década de 1560 - anterior ao próprio *Gesù* de Roma. Os eborenses queriam participar e ter acesso aos atos religiosos do Colégio - desde o início, houve grande interação entre esta casa e a cidade, sobretudo nos momentos solenes e festivos, acolhimento de reis e príncipes, grandes festividades religiosas e profanas, representações teatrais, doutoramentos, ontem, como hoje, um espetáculo público.

Planta, iluminação, cobertura.

É um retângulo com 3 lados, alteados para criar a teia, o espaço dos doutores, reservado aos membros do claustro universitário. Papel central das grandes janelas para uma iluminação axial, hoje pouco usadas. Teve uma cobertura magnífica, mencionada por Manuel Fialho na sua *Évora Ilustrada* e de que não há qualquer memória gráfica. Desabou no séc. XIX, no tempo da negligência e do abandono a que votámos o nosso

património. A nossa incúria e ignorância cometeu crimes e fez males maiores do que o Terramoto, as Invasões Francesas e a vitória dos Liberais, com a consequente destruição e delapidação de bens móveis e imóveis.

Voltando à sala. Não sabemos ao certo quem a projectou. Para este Colégio trabalharam os arquitetos que serviam o Cardeal fundador, Manuel Pires, Afonso Álvares, Diogo de Torralva e provavelmente, também o jesuíta Silvestre Jorge. Concebida e construída na década de 1550, foi seguidamente reestruturada e adaptada ao novo uso, após a abertura da Igreja do Espírito Santo, traçada na década seguinte. Entre os elementos decorativos que a adornam hoje, é de realçar o retrato do fundador, representado com a planta deste edifício.

A uniformidade e o centralismo marcam a arquitetura jesuítica, funcional acima de tudo, simples e desornamentada em teoria, e por isso adequada ao estilo chão português, de fachadas austeras, espaços amplos e unitários.

As plantas dos edifícios jesuíticos eram aprovadas em Roma, pelo *Consiliarum Aedificiorum*, que operava junto do Geral e que dispunha de amplos poderes. O primeiro foi Giovanni Tristano, entre 1558 e 1575, junto de S. Francisco de Borja, que, por sinal, sempre demonstrou grande interesse por este edifício que visitou várias vezes e onde pernoitou (numa cela ocupada hoje por uma vice reitoria).

Em teoria, os jesuítas defendiam uma arquitetura *nec sumptuosa nec curiosa*, nem sumptuosa nem extravagante. Na prática, os poderosos protetores punham e dispunham. A própria Igreja mãe da Companhia, o *Gesù* de Roma transformou-se numa das mais ricas e luxuosas do mundo por vontade expressa do Cardeal Alessandro Farnese, parente do Papa Paulo III, que aprovara a Ordem. O Cardeal pagou e fez da igreja o mostuário da sua própria magnificência. Também aqui, o Cardeal Infante e depois Rei pôde obrar como entendeu. O respeito enorme dos primeiros jesuítas pela família real de Avis não permitiria outra coisa. O próprio S. Inácio de Loyola chamava ao nosso Rei D. João III "Pai da Companhia". O seu irmão, D. Henrique, a quem devemos o sítio onde estamos, após desconfianças iniciais devido ao carácter demasiado espanhol da nova ordem religiosa, tornou-se o seu maior protetor e defensor entre nós. Esta planta, pois, não foi aprovada em Roma, como se tornou norma, por ser anterior e de iniciativa de patrono régio.

À porta desta sala, dois cavalheiros de peruca convidam-nos a entrar. Fazem parte da luxuosa decoração setecentista deste edifício, promovida por D. João V, numa larga empreitada que ocupou quase todo o reinado e à qual devemos os incomparáveis azulejos e cátedras das salas do Pátio dos Gerais, a bela fachada desta sala e também os estuques barrocos que aqui vemos.

Criou-se neste espaço uma envolvência estética que nos seduz e encanta, se não tivermos de passar aqui horas prestando provas, integrando júris ou simplesmente ouvindo discursos.

Num dia como o de hoje, a Sala dos Actos cumpre a sua função de acolhimento e de aparato. Num dia como o de hoje, vestimos as nossas melhores galas para receber quem nos visita, num exercício de apresentação e

representação de nós mesmos. Podíamos dizer que estamos aqui no coração deste Colégio do Espírito Santo, aqui figurado num belo estuque setecentista; mas a universidade não é mero espaço físico, ela é espaço mental, o espaço criado para a criação e transmissão de saberes e para a livre expressão criativa, o espaço da construção e da crítica, da renovação e da dúvida, o espaço contra o nivelamento, a *Gleichschaltung* (conceito tão caro aos nazis), o espaço, enfim, contra o politicamente correcto que esteriliza e embrutece e contra o pensamento único que asfixia e é a negação do saber. Essa tensão, aliás, já se fazia sentir implicitamente na velha universidade jesuítica que nos antecedeu. Não pensavam forçosamente do mesmo modo os que aqui mesmo se entregavam a doudas especulações teológicas e metafísicas e os que aqui ao lado, no espaço letivo mais pequeno do colégio, estudavam balística e a arte das fortificações para se graduarem como engenheiros militares.

Aliás, primeiramente, a universidade não é um espaço, um edifício ou conjunto de edifícios. A *universitas* é, antes de mais, uma comunidade abrangente, a comunidade dos estudantes e professores - a que hoje juntaríamos os funcionários, sustentáculo fundamental do quotidiano desta instituição. Uma comunidade feita de indivíduos diversos, com intuítos e tarefas não coincidentes, mas convergentes, num sentido de formação e responsabilidade, humana e social. Uma comunidade com naturais tensões (como a própria vida), mas não o microcosmos de uma qualquer suposta luta de classes.

Aqui vive-se um tempo multiforme e desigual:

Breve e ascendente para os estudantes, fulcral... tempo de crescer e de aprender a correr o risco de pensar, tempo de formar-se, de pôr-se à prova, tempo para amar;

Para os professores, mais jovens e mais velhos, tempo de enfrentar o desafio do confronto das ideias, tempo de lutar por afirmar-se, tempo de encarar os desafios da mudança, tempo de produzir, de aprender e aprender a ensinar, de ensinar a aprender e também tempo para crescer e para amar.

Para todos, tempo de resistir, de lutar para que o quotidiano não perca o sentido, rodeados que estamos de tanto sem sentido, de tanto contra-sentido consentido...

Porque para todos, este é o nosso tempo, hoje é o tempo que nos é dado.

A acumulação do tempo sedimenta o saber em sabedoria, o primeiro sempre em sobressalto, a segunda iluminando um modo de estar na vida.

Ciência, saber, sabedoria, pressupõem um constante interrogar, na busca de novas formas de conhecimento, novas modalidades de relacionamento com a verdade. E o que é a verdade? Pilatos perguntou, mas Cristo não respondeu. Decerto será algo de mutável, desejável e nunca totalmente atingível - um valor absoluto em constante mudança.... Melhor tentar dizer o que não é: não será o excesso ou o engano; quero crer que não será também a loucura ou o sofrimento. Ou o conformismo e a hipocrisia. Julgo que a encontraremos mais depressa do lado da humildade, virtude singularmente rara nos meios universitários. Humildade vem de húmus, terra, ou seja, o real mais básico e mais sólido, o mais simples e verdadeiro. É um apetrecho pouco usado na luta pela sobrevivência em que certas carreiras se tornaram

nestes tempos incertos. Alguns confundem-na com bajulação, uma pseudo-humildade estratégica e objecta. Servis para com quem está acima, inquietos e invejosos para com quem está ao lado, sobranceiros e arrogantes para com quem está por baixo. Assim, para alguns, por exemplo, contínuos e empregadas da limpeza - terminologia ultrapassada e politicamente incorrecta - são invisíveis na sua inexistência.

E talvez o mais chocante seja a distância abissal que por vezes vai entre lustrosos títulos académicos e a mais básica cordialidade e cortesia nos relacionamentos humanos. Há quem julgue que por doutorar-se ou agregar-se, sai desta sala iluminado pelo Espírito Santo e transformado num ser superior - falta de húmus, mais grave ainda nestas paragens alentejanas onde desde sempre a terra foi o parâmetro supremo do real.

A carreira universitária transformou-se numa luta pela sobrevivência, sob o signo, bem conhecido, do *publish or perish*, no temor da quebra de procura dos alunos, que torne departamentos inteiros redundantes, com perspectivas de progressão cada vez mais diminutas, com escassez de meios sempre maior e com pouca esperança de melhoras. E como se fosse pouco, tudo isto face ao alheamento ou mesmo à hostilidade da opinião pública, que olha para nós, professores universitários, como uma casta de privilegiados, inchados de prosápia e demasiado bem pagos para as horas que, supostamente trabalhamos. É comum ouvir perguntar "Ainda não acabaste o doutoramento?", num tom como quem diz "fecha-te 3 ou 4 fins de semana em casa e acaba lá essa coisa inútil de uma vez."... Pouca gente de fora tem noção do que se sofre nesta sala e até cá conseguir chegar. Nenhuma outra carreira tem um exame como a agregação, em que toda a vida científica do candidato é analisada, podendo ser interrogado sobre o que fez ou não fez há 10 ou 15 anos, a carreira suspensa na balança de um juízo sem apelo nem agravo e que até há poucos anos era expresso por uma votação secreta de bolas brancas e pretas, símbolo e manifestação de poder e de arbítrio. Aumentou hoje em dia o controle social sobre a universidade, da qual se espera que faça mais com menos meios. É, pois, cada vez mais importante que nos demos a conhecer, na dupla face das nossas mais valias e das nossas carências.

Aqui, temos a riqueza do aprofundamento na diversidade, a pluralidade de pontos de vista, buscando uma complementaridade sempre em tensão. Nem sempre nos entendemos (por exemplo, para alguns, o que aqui estou a dizer será o exemplo clássico do "paleio das Letras"). Mas o trabalharmos juntos, enfrentando desafios e ameaças, tem sido criativo e fecundo.

Aqui, na universidade, temos as Ciências Exactas e duras, que medem e transformam o mundo; temos as Ciências Sociais, humanas e moles, que dão sentido e interpretam esse mesmo mundo, transformando-o assim também; temos as Artes, que constituem outro paradigma de conhecimento, em que prazer, criatividade e beleza aprofundam, desafiam e dão sabor ao real. Temos enfim a Saúde (sem este nome), que aborda e age sobre o sujeito físico e mental, nas suas múltiplas dimensões. Somos muitos e muito diferentes.

E que estamos então aqui a fazer?

Ensinamos, aprendemos, investigamos. Publicamos, orientamos, organizamos, gastamos e poupamos, reunimos, reunimos, reunimos, discutimos, aprovamos, rejeitamos e.... recomeçamos.

Queimamos os olhos nos arquivos e nos laboratórios. Sujamos os pés no campo e as mãos no hospital ou no atelier.

Estamos cá. Por nós e por vós.  
Importa que cá estejamos.

José Alberto Gomes Machado



